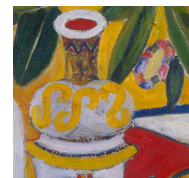


Abertura do Congresso anual da AJB – Travessias – Salvador 11/09/2024

Rosa Brizola Felizardo – IJRS

Editorial



Muito boa noite a todas as pessoas presentes neste encontro.

É uma alegria imensa, como presidente da Associação Junguiana do Brasil, ter a honra de dar abertura ao XXVII CONGRESSO DA AJB – TRAVESSIAS, em Salvador.

Minha saudação e agradecimentos à querida colega, Analista Tereza Caribé, presidente do Instituto de Psicologia Analítica da Bahia – Ipabahia, e a todo o incansável grupo de colegas responsáveis pela organização deste evento que nos acolhe com tanta força e delicadeza.

Saúdo, ainda, os Diretores da Associação Junguiana do Brasil; as diretorias dos Institutos filiados; os colegas membros desta Associação. Em especial, os colegas Bolsistas, por fim, presentes neste XXVII Congresso. As perspectivas que se abrem a partir daqui são importantíssimas. Reconhecemos o quão tardia foi esta decisão, mas comemoramos o passo dado.

Saudações também à editora Vozes, sempre parceira em nossos projetos. Meu desejo de um excelente Congresso a todos nós!

Nesta abertura, ofereço meu reconhecimento a todos que vieram antes de nós neste lugar de cuidado e construção da Associação. Hoje, especialmente, quero homenagear todas as analistas formadas e em formação, pois somos cerca de 80% deste grupo que tem nutrido e tramado a Associação Junguiana do Brasil em seus 33 anos de existência.

Tantas são as TRAVESSIAS até aqui... o que eleger para ser dito na abertura deste nosso CONGRESSO?

Me ocorre pedir inspiração à canção, de forma que vou “deixar falar a voz do coração” neste nosso lugar de seguir as imagens.

Hoje, 11 de setembro, a data para sempre machucada pelo ataque às torres gêmeas em Nova York (EUA), estamos nós aqui no Brasil, na Bahia, em Salvador, e podemos, através desta imagem da queda da torres, refletir sobre quem somos, onde estamos e o que

diz nossa voz, essa tal voz que imagina. Naquilo que nos cabe, o que precisa ruir, desabar, ser re-feito?

Que obra nos cabe como profissionais ditas junguianas e junguianos (para horror do mestre Jung) do e no Brasil?

Será única a possibilidade de seguir modelos como o de 11/09/2001? De mortandade, violência, mentiras e agressão, venham elas de onde vierem?

Ou, atrevidos que somos, seremos capazes de demarcar este nosso dia 11/09/2024 com um compromisso em outras direções?

E se, à maneira mais profunda e brasileira, chamarmos para perto os “donos” do mês de setembro e dos dias 26 e 27 (sim, porque plurais aceitamos mais de um dia para a mesma celebração), os Orixás Erês, os Ibejis, os gêmeos filhos de Xangô e Iansã, com poderes de enganar a morte, e que, para nós, são também (porque somos múltiplos) os meninos gêmeos católicos São Cosme e São Damião, que a um só tempo eram e são médicos e meninos, que cuidam sem cobrar consulta, sobretudo de crianças. Será?

Podemos, como as crianças, construir cirandas e distribuir dádivas, doces, alegrias, lembrando que a vida pode sim acontecer e ser celebrada, apesar da sufocante “fumaça do fim do mundo”?

Podemos, como os santinhos meninos, distribuir fé, cuidado e saúde? E, ainda, chamar seu terceiro irmão, Doum, o menino inventado das Umbandas brasileiras: “a criança açucarada que subverte vazio, o arpejado do encanto nas bordas do real, a cambalhota do destino, o giro do pião, a síntese entre um lado Cosme e outro Damião”, nas palavras de Luiz Antonio Simas? (em *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020).

Não temos respostas, mas estamos em Travessia, tudo é possível. E não podemos esquecer: Brasil é também Bahia! Não poderíamos estar em lugar mais favorável e significativo para dar início a novas ações, novas posições, novos paradigmas, novos mundos. Aqui, na primeira capital deste país, onde tudo pulsa em cores e tambores. Aqui, onde Caetano Veloso compôs “Tá Combinado” e Maria Bethânia cantou:

“Abrimos a cabeça para que, afinal, floresça o mais que humano em nós”.

Aqui, ao abrir nosso coração imaginador às brasilidades e seus mitos, lendas e encantarias, estamos acessando um sem-número de riquezas e altas densidades poéticas, podendo encontrar nossas imagens fundantes e suas profundas ressonâncias culturais amalgamadas em suas complexidades e contradições.

Do Boi de Mamão de Santa Catarina ao Boi-bumbá de Parintins; das Cavalhadas e Congadas do Paraná aos mitos Apanijés do Cerrado; das Modas de viola e Nossa Senhora Aparecida em São Paulo; da cultura Bantu e Carnaval do Rio de Janeiro ao Círio de Nazaré no Pará. Do segundo domingo de janeiro do Nosso Senhor do Bonfim e dia 2 de fevereiro de Iemanjá na Bahia, ao dia de São Jorge e Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre.

E registre-se aqui, para o nosso conhecimento e reflexão, que o Rio Grande do Sul conta com cerca de 65 mil terreiros de Umbanda e Candomblé em funcionamento, e que Porto Alegre é a capital brasileira com a maior proporção nacional de adeptos dessas religiões de matriz africana.

Diante de toda essa história e riqueza, por onde tem andado nossa imaginação? A quem interessa que não saibamos de nossas raízes e dos laços tão profundos que nos unem? Podemos devolver os significados à nossa alma brasileira, como há muito nos perguntou Roberto Gambini (em *Espelho índio*, 2000)?

No saber transgressor e arrebatador de um enredo de carnaval do Rio de Janeiro em 2019, intitulado: “Histórias para ninar gente grande”, da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, o carnavalesco Leandro Vieira nos quer poéticos e políticos, no entre despertos e ninados, cantando assim:

“Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a História não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra.
Eu quero um país que não está no retrato!”
E nós, o que queremos?

Somos sagazes e muito aprendemos também com os de fora. O médico austríaco Heinz Kohut, que ajudou a transformar a prática moderna dos tratamentos analíticos e dinâmicos, e Walter Benjamin, o filósofo e sociólogo alemão da Teoria Crítica, por exemplo, nos ensinaram que nada se revela em linha reta, ao menos duas ou três verdades são necessárias para pentear a história e as ficções no pelo e no contrapelo.

Vamos juntos cuidar, e do nosso jeito, dos nossos saberes, para além, por óbvio, dos indispensáveis saberes que o “velho mundo” tanto nos tem ofertado. Como nos sentimos sendo de um lugar que tem, entre os seus visíveis e invisíveis, uma roda que gira com Betinho, Aldir Blanc, Cartola, Nise da Silveira, Davi Kopenawa, Dona Ivone Lara,

Nei Lopes, Beth Carvalho, Manoel de Barros, Clementina de Jesus, Heitor Villa-Lobos, Mãe Menininha, Nego Bispo, Conceição Evaristo, Emicida, Maria Molambo, Renato Russo, Liniker, Paulo Freire, Elis Regina, Chico Buarque, Cabocla Jurema, Gilberto Gil, Rosa Magalhães, Dom Timóteo, Milton Nascimento, Elza Soares, Ailton Krenak, Moacyr Luz, Pixinguinha e Zé Pelintra, entre tantos outros nomes já citados aqui, e outros tantos que não caberiam em mil páginas?

Quantos Seminários Jung faria em torno da vida e obra de Ariano Suassuna e o movimento Armorial fundado por ele nos anos 1970, localizando no sertão a autêntica expressão brasileira nesta arte de raízes populares, verdadeiro banho de imagens alquímicas e arquetípicas?

Quantos outros para Guimarães Rosa, para quem a vida é travessia e não partida ou chegada? E da obra *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo?

Podemos, sim, imaginar Jung imerso nos biomas do Brasil, seus olhos, pernas e coração ao encontro do Brasil Profundo, este país de encantarias, mandingas, rezas e benzeduras. É nossa a delicada tarefa de cuidar desses saberes, é como criar algo a um só tempo, antigo e novo, tendo a capacidade de induzir maravilhas e de restituir afetos. Com as bênçãos de Nise da Silveira e Leonardo Boff, estamos prontos para encontrar o Jung aldeão, caboclo e sertanejo.

Uma amiga, ao falar sobre sua paixão pelo seu ofício de analista, conta que aprendeu a imaginar com os caboclos, que estes ao entrarem nas casas tiravam o chapéu, pois sabiam entrar no tempo da delicadeza, falar do coração, das dobras dos afetos, percorrer infinitos. Não lembro de ter escutado nada mais bonito sobre o nosso ou qualquer outro fazer psicológico. Entendo que essa travessia, chamada aqui pela Bahia, nos convoca a falar do encantamento do ser, de movimentos internos, de inquietações e angústias, de buscas individuais e coletivas em múltiplas direções, terreirizando pessoas e lugares, na direção do novo, do contemporâneo, e também das nossas raízes, nossa ancestralidade. Nos cabe então atravessar e ser atravessados. Por que, afinal, ficamos com a derradeira pergunta: há caminho para quem não seguiu o Olodum balançando o Pelô?